

ANIMAIS ESTEREOTIPADOS EM CONTOS INFANTIS: CONCEPÇÕES DE CRIANÇAS ACERCA DOS PERSONAGENS LOBO E PORCO PRESENTES NO CONTO DOS TRÊS PORQUINHOS

STEREOTYPED ANIMALS IN CHILDREN'S TALES: CHILDREN'S CONCEPTIONS ABOUT THE CHARACTERS WOLF AND PIG PRESENT IN THE TALE OF THE THREE PIGS

Eduarda Tais Breunig **1**
Andréa Inês Goldschmidt **2**

Resumo: A pesquisa investigou as representações sobre os personagens lobo e os três porquinhos no conto de literatura "Os três porquinhos", e se estas imagens interferem na visão das crianças em relação aos animais da fauna brasileira. O estudo, de caráter qualitativo, envolveu alunos de anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas, que responderam questões relacionadas aos personagens da história, usando quatro imagens para identificar o reconhecimento e as concepções sobre estes animais, pelas crianças. Realizou-se ainda a contação de história pelos alunos, seguida de roda de conversa. Os resultados demonstraram que as crianças apresentam concepções relacionadas aos personagens lobo e três porquinhos, influenciadas pelos contos. O personagem lobo foi lembrado como vilão e os porquinhos como animais bons e dóceis. A maioria das crianças mostrou não fazer distinção entre o mundo fictício e o mundo real, e acabam caracterizando todos os lobos como vilões. Já, em relação ao cateto, o identificaram também como um animal que não oferece perigo, já que os três porquinhos não o fazem. Reconheceram para todos, que o hábitat é a mata.

Palavras-chave: Alfabetização científica; Anos iniciais; Literatura infantil.

Abstract: The research investigated the representations about the wolf characters and the three little pigs in the literature tale "The three little pigs", and whether these images interfere in the children's view of animals of the Brazilian fauna. The qualitative study involved students from the early years of public elementary school, who answered questions related to the characters in the story, using four images to identify the recognition and conceptions about these animals by the children. The students also told the story, followed by a conversation. The results showed that the children have conceptions related to the wolf characters and three little pigs, influenced by the tales. The wolf character was remembered as the villain and the little pigs as good and docile animals. Most children have shown no distinction between the fictional world and the real world, and end up characterizing all wolves as villains. In relation to the side, they also identified it as an animal that does not offer danger, since the three little pigs do not. They recognized for everyone that the habitat is the forest.

Keywords: Scientific literacy; Initial years; Children's literature.

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Universidade Federal de Santa Maria- UFSM.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8733724703054340>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6249-3790>.
E-mail: dudabreunig@hotmail.com

Doutora em Educação em Ciências, Professora adjunta no curso de Ciências Biológicas e professora no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6491503571016482>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8263-7539>.
E-mail: andreainesgold@gmail.com

Introdução

O termo contos infantis ou de fadas possui uma amplitude muito variada de significados, podendo ser abordado por meio de uma perspectiva histórica, antropológica, psicológica, literária e científica, cada qual possuindo seus respectivos parâmetros de análise do fenômeno. Antolga (2014) afirma que além de desempenharem a importante função de incentivar a leitura na infância, os livros de Literatura Infantil constituem-se como materiais que podem contribuir com os processos de ensino e de aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento.

Para Zambon (2009) a função principal da literatura infantil é a educação da sensibilidade que proporciona uma nova visão de mundo e uma nova percepção da realidade, tendo o poder de educar através de uma imagem ou de uma palavra. Portanto, há muitas finalidades no conto de fadas; que vão muito além do agradar o leitor, fazê-lo desenvolver a imaginação e experimentar sensações.

Tal recurso também é um meio de informação e formação, pois para Antolga (2014), os livros de literatura infantil podem auxiliar o professor sobre os próprios conteúdos, uma vez que por meio deste material, se tem um recurso geralmente atraente, prazeroso e com teor de ludicidade, capaz de agir sobre as emoções, e auxiliando, assim, na memorização das informações. Sinaliza ainda que a literatura também é formadora; portanto, a forma como este recurso é apresentado e debatido precisa ser cuidadosa e constantemente analisada para que os objetivos da formação se concretizem.

Neste sentido, há de se ter cuidado também com muitos tipos de estereótipos ligados à literatura infantil. Se pensarmos nos contos de fada, percebemos muitos tipos de estereótipos, como os de gênero, raça, estética, etc.

Pereira (2002) discorre que no plano etimológico, o termo “estereótipo” é formado por duas palavras gregas, *stereos*, que significa rígido, e *tupus*, que significa traço. Ainda segundo o autor, inicialmente, estereótipos eram considerados como fotografias que as pessoas carregavam dentro da cabeça. Recentemente, os estereótipos são definidos como “crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre esses atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados” (p. 45).

Para Zambon (2009) o estereótipo é a concretização/personificação do preconceito. Trata-se de um “tipo” fixo e imutável que caracteriza um objeto, seja uma pessoa, um grupo ou um fenômeno. Para o autor, este também contribui como uma das razões do sucesso dos contos infantis, pois residem justamente no fato de falarem a linguagem emocional em que se encontra a criança. Os personagens de livros infantis são mostrados como puros e de sentimentos únicos, são bons, ou são maus.

Neste cenário, a representação do mal, do perigo, é o próprio lobo. Moraes (2014) comenta que o personagem povoa as narrativas orais e escritas, desde em lendas e mitos antigos, como a história de Rômulo e Remo, até no folclore de diversas culturas, em que se narram as histórias de lobos e lobisomens, que em noite de lua cheia amedrontava as aldeias, além de histórias de terror e histórias para crianças, como o conto Os Três Porquinhos, de Joseph Jacobs (1854-1916).

Nessas versões clássicas dos contos, a imagem do lobo como personagem do mau, acaba sendo reforçada, pois a criança cresce quase sempre ouvindo versões aonde o lobo é um vilão perigoso e traiçoeiro, o que pode contribuir para a formação de uma visão fragmentada e errônea do próprio animal lobo.

Ao pensarmos no ensino dos anos iniciais, recursos lúdicos e didáticos são de extrema relevância e costumam atrair a atenção e o interesse dos alunos. As histórias infantis constituem um exemplo de recurso lúdico, pois estas podem ser contadas com diferentes materiais didáticos, o que as torna ainda mais apreciadas pelas crianças. Toda história traz consigo uma moral, e nos anos iniciais é comum uma maior ênfase ao ensino de português e matemática. Contudo, se analisarmos e refletirmos sobre os contos de fadas, vamos perceber que em seus textos podem ser trabalhadas diversas outras áreas do conhecimento, sendo uma delas a ciência, a qual pode ser encontrada em muitas histórias infantis, contudo, muitas vezes ela aparece timidamente, e não de maneira explícita para as crianças, cabendo então, ao professor identificá-la e explorá-la em conjunto com as crianças.

Há muita ciência para ser explorada na literatura infantil, basta olharmos para esse enfoque que vamos perceber inúmeros pontos a serem desenvolvidos em sala de aula. Contudo, esta possibilidade dependerá unicamente de cada professor, de seu comprometimento com o ensino e de abrir novos horizontes para além do que se é acostumado ensinar, explorando e identificando conceitos científicos presentes nas obras infantis e, contudo, promovendo uma alfabetização científica para as crianças.

Segundo Mondek, Rocha e Lima (2019, p. 187): “São notórias as contribuições que a literatura infantil traz para o ensino de ciência, visto que a mesma pode contribuir para a formação de leitores críticos, construção da cidadania e o repensar de atitudes”. Por meio do enfoque literatura infantil e ensino de ciências, nos propomos a investigar e analisar as representações sobre os personagens lobo e porco no conto de literatura clássica “Três Porquinhos” e se estas imagens interferem na visão da criança sobre os animais nativo brasileiro – lobo-guará e porco cateto. Buscamos ainda promover uma reflexão de como estas podem interferir na alfabetização científica das crianças.

Pensando na alfabetização científica nos anos iniciais, é possível explorar a ciência presente nos contos de fadas por meio dos animais presentes neles. O personagem lobo, por exemplo, pode contribuir com inúmeros conhecimentos biológicos, fisiológicos e ecológicos. Além disso, um enfoque sobre o lobo presente aqui na fauna brasileira, e em especial do nosso estado Rio Grande do Sul, também é interessante. O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), por exemplo, faz parte dela, e traz muitos benefícios a natureza, pois seu principal alimento é o fruto da lobeira (*Solanum lycocarpum*), aonde o lobo devolve a semente desse fruto para a natureza, por meio de suas fezes, garantindo assim a propagação da espécie.

Outro personagem a ser explorado no conto infantil dos *Três Porquinhos*, é o porco, popularmente conhecido como porco do mato (*Pecari tajacu*), o qual possui algumas semelhanças com a queixada e o javali – este último, fauna exótica. Por meio do porco cateto, também é possível explorar todo o seu nicho ecológico, estado de conservação, hábitat e características gerais destes animais, pertencentes a fauna nativa brasileira.

Trajetória metodológica

A metodologia desta pesquisa possui caráter Qualitativo, que segundo Moreira (2003) permite um olhar aprofundado do pesquisador para os detalhes que envolvem a temática pesquisada. A pesquisa envolveu 44 alunos de anos dos anos iniciais do ensino fundamental, de escolas públicas de Ensino Básico no município de Tenente Portela, estado do Rio Grande do Sul. A faixa etária dos participantes era entre 7 a 8 anos.

O estudo iniciou com uma pesquisa das concepções dos alunos sobre os personagens selecionados, dividida em dois momentos, em dias distintos. No primeiro momento, a investigação contou com um questionário. Neste artigo são apresentadas a análise dos resultados de três questões, as quais contavam com a adição de quatro imagens, representando respectivamente: a) lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) – Figura 1; b) lobo personagem - Figura 2; c) porco cateto (*Pecari tajacu*) – Figura 3; d) três porquinhos – Figura 4; associadas aos resultados encontrados para a contação da história dos três porquinhos e a roda de conversa sobre a história e os personagens. As imagens escolhidas tiveram como base os personagens do conto dos Três Porquinhos, tendo como figuras para representação, o lobo personagem fictício e os personagens três porquinhos, além das fotografias dos animais nativos representantes da fauna brasileira, o lobo-guará e o porco cateto.

Figura 1. Lobo-Guará.



Fonte: <<https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2019/08/lobo-guara-296510630.jpg>>

Figura 2. Lobo personagem.



Fonte: <<https://vignette.wikia.nocookie.net/disney/images/c/ce/Bigbadwolf.png/n/2131746&path-prefix=pt-br>>

Figura 3. Porco Cateto.



Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/149883219@N03/31516883612>>

Figura 4. Três Porquinhos.



Fonte: <<https://www.pngwing.com/pt/free-png-shosb>>

Os questionários foram recolhidos e posteriormente analisados. A metodologia utilizada para compreender o pensamento discente sobre a temática apresentada referendou-se na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

Após uma semana, se deu o segundo momento, com a contação de história e roda de conversa. Os alunos foram convidados a sentarem-se em um círculo, dispostos no chão da sala. Então, explicamos aos alunos que contaríamos uma história em conjunto com eles e todos que soubessem como continuava a história, deveriam dar sequência a mesma, após a minha breve introdução. As histórias foram gravadas e transcritas.

Após a contação, ainda fizemos algumas perguntas para os alunos sobre a história que contaram e seus personagens, com enfoque no lobo e no porco, que igualmente foram gravados, para análise posterior.

Resultados e Discussão

Por meio da aplicação do questionário prévio e da roda de conversa, coletamos as concepções prévias dos alunos a respeito do personagem lobo e do lobo-guará e dos porcos. As respostas foram categorizadas e são discutidas a seguir.

A primeira questão analisada se preocupou em verificar se os alunos reconheciam quais eram os animais e os personagens apresentados a elas. A Tabela 1 mostra os resultados percentuais encontrados quando foram mostradas as imagens (Figuras 1 a 4) aos alunos.

Tabela 1. Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre terem ou não reconhecido as imagens dos animais lobo-guará, porco cateto, personagens lobo e três porquinhos.

| Reconhecimento do lobo-guará | Total | Reconhecimento do porco cateto | Total |
|-----------------------------------|-------|-------------------------------------|-------|
| Sim, e diz que é o lobo-guará | 13,63 | Sim, e diz que é um porco selvagem | 44,08 |
| Sim, e diz que é uma raposa | 38,63 | Sim, e diz que é cateto | 20,45 |
| Sim, e diz que é uma hiena | 18,18 | Sim, e diz que é javali | 11,36 |
| Sim e diz que é uma gazela | 2,27 | Sim, e diz que é queixada | 2,27 |
| Sim, e diz que é uma cão selvagem | 2,27 | Sim, e diz que é porquinho da índia | 13,63 |
| Não sabe que animal é | 27,27 | Sim, e diz que é porco espinho | 13,63 |
| Total | 100 | Não sabe que animal é | 2,27 |
| | | Total | 100 |

| Reconhecimento do lobo personagem | | Reconhecimento do porco personagem | |
|-----------------------------------|-------|-------------------------------------|-----|
| Sim, e diz que é o lobo | 45,45 | Sim, e diz que é os três porquinhos | 100 |
| Sim, e diz que é o lobo mau | 45,45 | | |
| Outro. Diz que é um lobisomem | 2,27 | | |
| Não sabe que animal é | 6,81 | | |
| Total | 100 | Total | 100 |

Fonte: BREUNIG e GOLDSCHMIDT (2019).

Ao analisarmos as respostas dos alunos, sobre o reconhecimento dos animais presentes na história três porquinhos, evidenciamos que os alunos conhecem os personagens com clareza. Já os animais nativos, que poderiam ser selecionados para se trabalhar a história, valorizando os animais regionais e brasileiros, esses tiveram dificuldades.

A maior dificuldade está associada ao lobo-guará, e não ao porco cateto. Um fator que contribui para esse desconhecimento, é que o lobo-guará mesmo sendo nativo no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul, na região sul é bastante restrito. Na região do estado em que se desenvolveu a pesquisa, não está presente, sendo possível a estas crianças o conhecerem em um zoológico por exemplo, ou através de recursos midiáticos. Contudo, nem todas as crianças tem a oportunidade em visitar um zoológico, cabendo conhecê-lo através de ilustrações e imagens.

Sobre algumas curiosidades da espécie:

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é o maior canídeo selvagem da América do Sul, habita a quase totalidade do território brasileiro, apresenta coloração avermelhada em sua pelagem, tendo parte da face, bem como o dorso e extremidades dos longos membros, de coloração escura. Seus membros pélvicos são mais longos que os torácicos, o que lhe dá um certo aspecto desajeitado. Trata-se de animal de hábitos solitários e furtivos e sua alimentação consiste desde roedores, aves, ovos, répteis e insetos, até frutas, cana-de-açúcar e mel. A preocupação com a sua preservação tem merecido a atenção de numerosos pesquisadores, que vêm se detendo ao estudo dos seus hábitos e exigências territoriais (MACHADO, FONSECA, NEVES, 2002, p. 107).

Ainda, o lobo-guará foi bastante confundido com outros animais, aonde citaram principalmente a raposa (38,63%) e a hiena (18,18%). O lobo-guará possui algumas semelhanças se comparado as raposas, principalmente a feição do rosto. A raposa vermelha (*Vulpes vulpes*) possui pelos de coloração alaranjada, semelhante aos do lobo guará. Contudo, esta não pertence a fauna brasileira, a qual é de extrema relevância ser trabalhada em sala de aula para que possa ser conhecida, valorizada e preservada pelas crianças. Igualmente a hiena não pertence à fauna nossa fauna.

Os resultados demonstraram que (27,27%) desconhecem o lobo-guará, contudo, como já citado acima, nossa fauna deve ou então deveria ser mais ressaltada em sala de aula, pois devemos aprender sobre, para poder valorizar nossos exemplos de animais locais.

Scalfi e Barata (2019) afirmam que apesar do tema ser recomendado para ser abordado nas escolas, os professores devem se atentar para que de fato introduzam os animais de nossa fauna no processo de ensino e aprendizado, para que este tema não fique somente como uma recomendação do Ministério da Educação (MEC). Há muitas estratégias de divulgação científica que podem auxiliar nesse enfoque, e uma delas são os contos de fada, aonde muitos animais podem ser explorados.

Verificamos que quando os alunos observaram a imagem do lobo personagem, houve

um aumento significativo no reconhecimento da imagem. Além de o reconhecerem, ainda o identificaram como sendo o lobo “mau” (45,45%), demonstrando uma visão estereotipada, aonde é lembrado como o “vilão” das histórias. Esses estereótipos, quando impregnados de forma subjetiva, costumam ser mais facilmente incorporados pela nossa estrutura cognitiva (COSTA, 2019).

Em todos os contos há a presença de um vilão, que atua de forma maléfica, afim de prejudicar os personagens que representam o bem. Apesar de toda essa negatividade associada aos vilões, muitos deles apresentam certas características físicas e de caráter que além de causar medo, despertam a curiosidade e popularidade dos leitores e ouvintes de contos de fada (NEVES, 2016).

Nesse contexto, o lobo caracteriza-se como um famoso vilão que acompanhado de uma dose de suspense atrai a atenção da maioria das crianças, senão de todas as crianças nas diferentes histórias em que está presente. Essa atração, pode também explicar a alegria apresentada por alguns ao observarem a imagem do lobo personagem, que apesar de ser “mau” na maioria das histórias, é um personagem marcante e sempre lembrado.

Igualmente, o mesmo percentual 45,45% o identificou apenas como sendo o lobo, não lhe atribuindo juízo e adjetivos. Com isso, 90,90% reconheceu o personagem lobo.

Obtivemos resultados semelhantes, na contação da história pelos alunos. Eles contaram a versão clássica da história Os Três Porquinhos, revelando um lobo mau e cruel, que possui um final trágico para o personagem. De acordo com os relatos das crianças, os porquinhos saíram de casa para construir suas casinhas (palha, madeira e tijolo) e após, o lobo veio com a intenção de comer os porquinhos e derrubou a casa de palha e madeira. Então os porquinhos correram para a casa de tijolos, aonde esquentaram um caldeirão de água fervente e o lobo caiu dentro dele. Essa versão, reforça o estereótipo de “vilão” do lobo e dos porcos como “bozinhos”. Isto aconteceu em todas as turmas investigadas.

Quando os alunos foram questionados na roda de contação se conheciam o lobo, a maioria afirmou conhecer; contudo, quando questionados se já haviam visto o lobo na realidade, a maioria das crianças respondeu nunca terem visto. Os que responderam que conheceram o mesmo, percebemos que fizeram uma mistura entre o lobo animal e a figura imaginária, tendo como respostas: *“eu conheço o lobo que tem roupa”*; *“eu conheço vários tipos, eles gostam de comer porco, pessoas, pessoas”*; *“Conheço vários! Tem lobo que come porco, uns que comem pessoas que vivem na mata, outros que comem animais”*; e ainda sobre terem visto, afirmaram terem já encontrado *“na mata”*; *“vi na mata, meu pai matou para comer a carne”*; *“eu vi um morto, que tinha sido caçado, era cinza”*; *“vi no zoológico um branco e outro preto”*; *“vi no zoológico, é peludo, preto”*; *“já vi nas fotos”*. Observamos, como apontado por alguns alunos, que o zoológico acabou sendo citado como um local possível para esta visualização do animal. Infelizmente nem todos os alunos tem a oportunidade de conhecer um zoológico, assim, se a escola não trabalha com possibilidades de ilustração e estudos sobre a fauna nativa, talvez muitos deles fiquem inclusive sem conhecê-lo.

Nesse sentido, se torna interessante uma aula em um espaço não formal como o zoológico, pois nele, é possível trabalhar a temática educação ambiental, uma vez que lá, a criança tem acesso a visualização de diferentes animais, podendo assim realizar muitas atividades sobre os mesmos. É interessante que a visita seja guiada por um monitor, que poderá explicar toda a alimentação, cuidado, comportamento e curiosidades sobre os animais.

Já em relação ao cateto, evidenciamos um maior reconhecimento pelos alunos. De acordo com os resultados a maioria 44,08% reconheceu ser um porco selvagem; 20,45% afirmou ser o porco cateto; outros confundiram com o javali 11,36% já que os mesmos apresentam algumas semelhanças; e outros confundiram com a queixada, o porquinho da índia e o porco espinho. Desta forma, ao considerarmos os resultados sobre o porco selvagem cateto, javali e queixada, percebemos que identificaram a imagem, embora algumas semelhanças entre estes, causou algumas confusões. Cabe salientar que o javali não é nativo do Brasil, diferente do cateto e da queixada.

De acordo com Marques (2019), no Brasil, existem duas espécies chamadas popularmente de porcos do mato: o cateto (*Pecari tajacu*) e a queixada (*Tayassu pecari*). A aparên-

cia e comportamento destes pecarídeos são semelhantes aos porcos, mas sua classificação e distribuição são diferentes. Os pecarídeos pertencem à família dos mamíferos Tayassuidae são nativos do Novo Mundo, enquanto os porcos pertencem à família Suidae e são nativos do Velho Mundo (TABER et al., 2011).

O cateto possui um tipo de colar branco amarelado, pesa aproximadamente 20Kg, tem altura variando entre 40cm e 50cm. Pode atingir cerca de 1m de comprimento. Vive em bandos que variam de seis até 30 indivíduos. Quando esse bando se aproxima produzem um barulho com o bater dos dentes. A alimentação é feita no início da noite tendo um padrão de atividade crepuscular. A queixada é diferente do cateto no tamanho, coloração do pelo e comportamento. Pode pesar em torno de 35Kg. Tem pelagem das costas bem longa e possui bastante pelos brancos na mandíbula e focinho. Os grupos em que vivem variam, geralmente, entre 50 e 100 indivíduos (MARQUES, 2019, p.08).

As queixadas apresentam pelagem das costas muito longa com uma coloração negro-pardacenta, possuindo uma grande quantidade de pelos brancos na mandíbula e focinho. Vivem em grandes grupos, geralmente de 50 a 100 indivíduos. Os catetos geralmente encontram-se em bandos de 6 a 9 indivíduos. Entretanto, agregados maiores de catetos às vezes podem ser vistos, como por exemplo, quando mais de um bando é atraído para uma rica fonte de alimentos (ROBINSON e EISENBERG, 1985). Além disso, exercem marcação territorial, já, as queixadas apresentam um comportamento mais agressivo, como bater forte o queixo, quando se sentem ameaçados. (MARQUES, 2019).

A queixada é maior do que o cateto e pesa cerca de um terço a mais. O cateto apresenta maior tolerância à caça por seres humanos e às alterações do habitat provocadas pelo homem do que a queixada e, portanto, sobrevive melhor do que a última espécie em áreas onde a fixação humana é mais numerosa (ALTRICHTER e BOAGLIO, 2004). Um motivo pelo qual a queixada é mais vulnerável à caça pelos humanos pode ser sua tendência a confrontar ameaças, enquanto o cateto tipicamente foge do perigo (PERES, 1996; CULLEN; BODMER e VALLADRES-PÁDUA, 2000; KEUROGHLIAN; EATON e LONGLAND, 2004).

De acordo com Desbiez, et al (2012, p.76) o porco cateto está:

Amplamente distribuído e resistente a alterações antrópicas, com exceção de ambientes extremamente alterados, Pecarí tajacu ainda pode ser encontrado nas áreas com cobertura vegetal em todos os biomas. Estas áreas consistem em cerca de 12% da área original da Mata Atlântica, aproximadamente 50% do Cerrado, 30% da Caatinga, 80% da Amazônia e do Pantanal.

Além de estar presente no território brasileiro, a espécie habita também o sul dos Estados Unidos da América até o norte da Argentina (MAUÉS, IANELLA, 2016). Contudo, a espécie corre risco de extinção devido as ações antrópicas como a caça, fragmentação e destruição de hábitat, aumento da densidade humana, grandes empreendimentos, incêndios, agricultura entre outros fatores. Entre os biomas citados acima, e de acordo com as categorias de ameaça a extinção da IUCN (2003) a Mata Atlântica encontra-se na categoria quase ameaçada (NT) e se nenhuma providencia for tomada, pode vir a evoluir para a categoria vulnerável (VU); já nos demais biomas o nível de ameaça encontra-se na categoria menos preocupante (LC) (DESBIEZ, et al, 2012, p. 75).

O porco se comparado ao lobo é um animal mais comum e presente na vida das crian-

ças entrevistadas, pelo fato da região onde se encontram tanto conter porcos de criação para fins alimentícios, como também a presença do animal selvagem, conhecido por porco selvagem, ainda que não pertencente à mesma família. Em relação à contação da história e a roda de conversa, afirmaram conhecer vários tipos de porcos diferentes, e entre eles citaram “*existem vários tipos!*”; “*há porco da índia, porco do mato, e alguns porcos são diferentes dos outros porque possuem manchinha preta*”; “*há javali, porco da índia, porco do mato*”; “*javali, porquinho que mora na floresta e porco da índia*”; “*o porco marrom, preto, vermelho, javali e porco do mato*”. E, quando questionados se sabiam como eram estes animais na mata, responderam “*os que existem na mata, são muito cruéis*”; “*os porcos da mata não gostam de pessoas*”; “*tem o javali e eles não são acostumados com as pessoas, e os outros porcos, são mais feroz com as pessoas*”; “*o porco do mato e não gostam de ficar no chiqueiro porque podem brigar com os outros, são mais carnívoros*”.

A maioria dos participantes conhece porco, e um fator que influencia muito nesse conhecimento, acreditamos ser o fator alimentício (econômico), uma vez que nesta região é bem comum a criação de porco para consumo humano.

O porco foi, desde sempre, um dos animais domésticos cuja criação e consumo maior relevo possuiu e (apesar da crise no sector da suinicultura) possui entre os portugueses. O valor económico atribuído ao porco na cultura portuguesa em relação a outros animais domésticos de porte semelhante é um dos mais altos. Como se pode verificar pela amostra proverbial e referências gastronómicas, este animal reúne um conjunto de características que lhe conferem a maior valia. Das qualidades apresentadas pelo porco, destacam-se a sua grande fecundidade, facilidade reprodutiva e precocidade, uma extraordinária capacidade de adaptação ao meio ambiente, considerando se tratar de um animal onívoro dotado de rápida assimilação (SIMÕES, 2004, p.46-47).

Contudo, muito mais que o interesse económico, essas crianças precisam reconhecer as importantes funções que os porcos desempenham na natureza, afim, de sensibilizá-los para um conhecimento muito além do valor económico e alimentício.

Os participantes mostraram conhecerem diferenças de comportamento e pelagens, embora se confundiram com as espécies de porcos selvagens presentes no Rio Grande do Sul.

Os resultados ainda revelaram que 100% dos participantes conhecem os personagens da história infantil, os Três Porquinhos. De acordo com Bettelheim (2002, p.43):

Histórias como a dos Três Porquinhos são muito mais prestigiadas pelas crianças do que todos os contos “realistas”, particularmente se são apresentadas com sentimento do narrador. As crianças ficam fascinadas quando o bufar do lobo na porta dos porquinhos são representadas para elas. Os Três Porquinhos ensinam a criança pequenina, de forma mais saborosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos parecer.

A segunda questão analisada procurou identificar as concepções das crianças sobre o lobo e o porco serem bons ou maus, considerando tanto os animais personagens, como os animais reais apresentados a elas nas imagens selecionadas. Ainda, foi possível reconhecer os motivos que levaram os participantes a definirem os mesmos como bons ou maus. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o lobo-guará, lobo personagem, porco cateto e os três porquinhos, ao serem considerados bons ou maus.

| Alternativas | Lobo-guará | Lobo personagem | Porco cateto | Três porquinhos |
|----------------------------|------------|-----------------|--------------|-----------------|
| Bom | 27,27 | 0 | 63,63 | 100 |
| Mau | 61,33 | 97,72 | 20,45 | 0 |
| Às vezes bom, às vezes mau | 2,27 | 2,27 | 13,63 | 0 |
| Não sei | 9,09 | 0 | 2,27 | 0 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 |

Fonte: BREUNIG e GOLDSCHMIDT (2019).

Os resultados demonstram que os participantes apontaram em sua maioria, o lobo como um indivíduo “mau”, independente de se tratar do lobo guará ou do lobo personagem. Claro, que para este último, foi ainda mais significativo, atingindo 97,72%. Observamos que as crianças o definiram como mau, principalmente por possuir hábito predador e ainda por considerarem o mesmo perigoso aos humanos. Entre as respostas que chamaram atenção: “Come galinha, rouba ovo e faz chaveiro das patas da galinha”; “Gosta de comer coisa morta e atacar”; “Come filhotes de outros animais”; “caça”.

A predação deve ser trabalhada em sala de aula, afim de evitar possíveis visões errôneas e negativas da mesma, demonstrando que um animal é predador para satisfazer suas necessidades, seja ela fisiológica ou biológica. O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) possui uma dieta bem variada, e é considerado onívoro, pois se alimenta de pequenos vertebrados e principalmente de frutos, pois seu fruto preferido e aclamado é o fruto da lobeira (*Solanum lycocarpum*), o qual é comum no Cerrado e também conhecido como fruta-do-lobo, a qual ele ingere e elimina a semente por meio de suas fezes, garantindo assim, a dispersão e propagação da espécie (PAULA, et al, 2013).

Acreditamos que esse desconhecimento sobre a predação influenciou nas respostas das crianças que afirmaram que o lobo é perigoso para humanos, uma vez que ele é predador, e pode atacar. Isso nos acrescenta mais motivos ainda para trabalhar o conceito de predação em sala de aula, no sentido de sensibilizar os alunos a respeito dessas relações ecológicas necessárias na natureza. Segundo Oliveira, Figueiredo e Tullio (2016, p.43): “a mediação educativa nesse processo é fundamental para que esse sentimento se transforme em admiração e respeito diante do poder e exuberância da natureza”. No caso do lobo-guará, esse sentimento de respeito e admiração pode ser construído em relação a sua importante função de dispersor de sementes, como já mencionado acima.

Contudo, se observarmos, é bem comum nos depararmos com exemplos aonde os predadores são caracterizados como “inimigos”, quando por exemplo, o próprio lobo-guará é representado predando uma galinha, se você não compreender o conceito de predação, imediatamente irá interpretar como sendo um ato de maldade e não de sobrevivência (MELGAÇO, 2015). Não obstante, Cabe a nós, professores, elaborarmos atividades que desmistifiquem símbolos, mitos e estereótipos fixados no senso comum, e a alfabetização científica pode atuar nesses casos como uma grande aliada do ensino.

Quando as crianças afirmaram que o lobo é mau, ainda, o atribuíram o fato de ser selvagem e agressivo. Esses conceitos devem ser trabalhados em sala de aula, para evitar possíveis concepções errôneas, pois a agressividade é um dos comportamentos dos animais e constitui também sua defesa. Possivelmente esta caracterização negativa ao lobo, é influenciada pela literatura infantil, assim como pela mídia.

Sobre a imagem do lobo personagem ser considerado mau, está associada à visão de vilão nos contos de fadas.

Nos contos os dragões, os lobos, os ogros, as tempestades, as florestas sombrias, os castelos cheios de armadilhas simbolizam perigos. E para compensar tamanha perseguição e reparar o objeto amado, nos contos de retorno, adultos

salvam as crianças da perseguição e, nos contos de partida, a sexualidade amadurecida e vencedora das fantasias persecutórias mais antigas aparece no próprio herói ou na heroína cujos objetos mágicos, oferecidos por um bom adulto, lhes permitem, sozinhos, vencer a perseguição (FERNANDES, CENTURIÓN, 2019, p.408).

Essa estereotipação do lobo pelas crianças pode ser facilmente compreendida, pois a criança cresce ouvindo histórias aonde o lobo é malvado, o que faz com que ela crie somente essa visão a respeito dele. É claro, que em versões mais contemporâneas o lobo já aparece como bonzinho, contudo, os clássicos continuam sendo os mais conhecidos pelo público infantil.

Na roda de conversa após a contação de história, quando questionados se os lobos reais eram bons ou maus, as crianças afirmaram *“são malvados!”*; *“são maus, porque comem carne de vaca e cachorro”*; *“podem comer pessoas”*; *“mau, porque morde as pessoas e gosta de carne”*; *“é mau porque pode comer as pessoas e os três porquinhos”*; essas estão entre as mais respondidas, mesmo sendo questionado sobre o animal e não personagem; e *“o da história é mau, e da vida real também, porque são chatos e egoístas”*.

Que lobos são esses que, apesar de inspirarem medo, são tão requisitados pelas crianças em algumas situações? Muitas vezes, a criança deseja sentir esse medo do lobo mau, pois por meio dele pode sustentar um espaço para inventar, criar respostas próprias e mergulhar em um mundo de fantasias e imaginações, porém estas, vem acompanhadas da salvação em não ser devorada (SOARES, 2007).

Entre alguns personagens clássicos que inspiram medo, coragem, astúcia, poder, rancor, raiva, inveja, entre outros, podemos citar o lobo mau, o gigante, a bruxa, a madrasta. Esses são personagens conhecidos como “vilões” da história, pois causam danos e enfrentam os heróis. Contudo também existem os personagens “bonzinhos”, como Chapeuzinho Vermelho, os Três Porquinhos, Patinho Feio, A Bela Adormecida, entre outros que em algum momento foram castigados e caíram nas armadilhas dos “vilões”, contudo, no final conseguem superar as dificuldades e vivem felizes para sempre (SOARES, 2007).

A verdade é que entre o bem e o mal, feio e o belo, o fraco e o forte, o vilão e o herói, existem inúmeras possibilidades de personagens que a criança escolhe e deseja experimentar, ser, fazer, por alguns instantes, ou por várias vezes. Essas escolhas não são pré-determinadas, porque tem a ver com cada momento em que a criança se encontra, no que diz respeito às questões relacionadas ao entendimento de si mesma e da vida (SOARES, 2007, p. 53).

Poucos alunos atribuíram serem bons, e quando o fizeram destacaram *“alguns são bons (mansinhos) e outros mal (comem animais)”*; *“mau o da história (come os porquinhos), e da vida real pode ser bom ou mau (se provocar ele) se encontrar um lobo tem que ficar parado senão ele ataca por movimento”*; *“bom, porque ele não é tão selvagem e não fica matando os animais, é mansinho”*;

Ainda os questionamos sobre serem ou não importantes na natureza, tivemos respostas como *“os lobos existem na floresta pra proteger a floresta dos humanos para não derrubar as árvores”*; *“eles lutam contra os caçadores, protegem as florestas”*; *“cuidam da floresta”*; *“importante porque espanta os caçadores e ele também é um animal, ajuda a floresta”*; *“sim, porque ele é um ser vivo, é legal, bonito dá um tcham na natureza”*.

Sobre a proteção dos lobos a floresta citada pelos alunos, é facilmente possível de trabalhar por meio da alfabetização científica, uma vez que o lobo-guará, por exemplo, protege a natureza dispersando as sementes dos frutos que ingere, em especial o fruto da lobeira,

conhecido também como fruta-do-lobo (VELOSO, 2019).

Além disso, é possível abordar a alfabetização científica por meio da reescrita de contos de fada, ou então, de contos contemporâneos que trazem o lobo como um personagem importante na natureza.

Ainda ocorreu uma resposta de um participante muito interessante, aonde ele diz: *“eu acho que ele é importante porque ele é um animal e se não tivesse o lobo na natureza não ia existir o ciclo da vida, só ia ter bichos herbívoros aí ia acabar o mato e eles iam morrer”*. Essa resposta nos chama a atenção pelo fato desse participante reconhecer que na natureza, os seres vivos interagem por meio de relações aonde um depende do outro para sobreviver, nesse sentido, vale ressaltar aqui o conceito de cadeia alimentar.

De acordo com Rikclefs (2003) a cadeia alimentar é a sequência de relações tróficas pelas quais a energia passa através do ecossistema. Essa energia é perdida em cada nível, por causa do trabalho realizado pelo organismo, fazendo com que se observe uma pirâmide de energia onde cada nível trófico superior recebe e assimila uma quantidade energética menor do que o inferior. O termo trófico tem raiz grega e significa “alimento”. A cadeia alimentar possui níveis tróficos, e o primeiro deles é formado pelos produtores (plantas e algas) e os demais níveis tróficos pelos consumidores (primário, secundário, terciário, quaternário).

Sobre não serem importantes e serem prejudiciais: *“lobos vivem nas florestas para comer carne frescas”*; *“não ele só piora a natureza, mata os animais e faz coco por tudo que lado”*; *“ele não é importante, porque mata os animais e as pessoas”*; *“não precisava existir, não ia mudar nada, até ia ser melhor pra floresta, porque ele mata uns animais, é faminto”*.

Ainda na roda de contação, obtivemos uma resposta que chamou a atenção por conta do entendimento do aluno: *“o lobo mau ele só era um lobo faminto, mas por conta do nome dele que era a única coisa que ele não conseguia disfarçar, então todo mundo já sabia, no filme ele era o lobo mais perigoso da região, aí o caçador prendeu ele no final. O lobo era bonzinho só que ele ficou faminto, aí ele pensou bem e virou do mau. Ele era um lobo do bem daí ele virou mau”*. Pela resposta desse aluno, percebemos que ele compreende que o lobo não é mal, e que quando ele é tachado de mau, é porque está faminto e precisa se alimentar, sendo isso, parte de seu instinto. Contudo, como o próprio aluno diz, seu nome já o caracteriza como mau, e por isso não tem nem como ele negar e/ou disfarçar. Nós, enquanto professores de ciências, devemos trabalhar essas características dos animais em sala de aula, no intuito de desmistificar visões fragmentadas e errôneas, demonstrando os benefícios dos animais na natureza.

Quando questionados se o porco cateto é bom ou mau, uma grande porcentagem 63,63% de participantes afirmou ser bom. Considerando o porco bom, a categoria de maior destaque foi *características físicas que o tornam bom*, aonde as crianças apresentaram como respostas: *“Ele é pequeno; às vezes avança e às vezes não; não assusta as pessoas; não é igual aos outros porcos, é pequeno, do bem; inofensivo”*. Algumas dessas respostas podem estar relacionadas a outra espécie de porco, as quais foram citadas na tabela, contudo, o porco em geral, é visto como um animal bonzinho pelas crianças.

Outra categoria apresentada quando consideraram o porco bom foi intitulada de *afetividade/aparência*: *“É legal, bonito, fofinho”*; *“Ele ronca e é fofinho”*; *“Tem cara fofa”*; *“Tem cara de bonzinho”*. Durante a roda de conversa também foram encontradas respostas afetivas quando questionados se gostam de porco: *“eu gosto, porque acho bonitinho, fofinho, até tenho um de estimação em casa”*; *“Eu gosto porque quando eles nascem são muito bonitinhos e quando crescem muito fofos”*; *“Porque eu gosto de comer; eu gosto deles, por mais que são fedorento”*;

Essas respostas demonstram o carinho que as crianças sentem pelo porco, e que apesar de muitas vezes ser tachado como sujo, relaxado, ou fedorento como um participante cita, ainda o consideram “fofinho”. Outra resposta que chamou a atenção foi o fato do entrevistado assumir que *“gosta do porco porque come a carne dele”*, pois essa com certeza é a realidade de todos ou quase todos os alunos, afinal, “somos” carnívoros.

Para finalizar as categorias aonde o porco foi considerado bonzinho, um aluno justificou sua resposta afirmando: *“Se provoca ele é mau senão é bom”* a qual colocamos na categoria *instinto animal* e consideramos de extrema importância o entendimento das crianças sobre esse conceito, uma vez que o mesmo faz parte da natureza dos animais.

Além disso, com 5,26% o porco foi considerado predador, e, também com 5,26% selvagem. Prada (2008) explica que o instinto compreende os comportamentos que estão relacionados a autopreservação (alimentação, ataque, etc.) e perpetuação da espécie (funções sexuais), enquanto a inteligência estaria relacionada a atos executados para resolução de problemas e dificuldades que o indivíduo encontra pela frente, quando por exemplo, ocorre a caça entre os animais (predador-presa):

Poderíamos dizer que um predador é levado pelo “instinto” a perseguir e caçar sua presa. Mas a maneira como contorna as circunstâncias do momento, indiscutivelmente, é um reflexo de atos de inteligência, pois não se teria como prever “instintivamente” coisas que apenas acontecem na ocasião do evento. (PRADA, 2008, p.29).

Com isso, é importante deixar claro as crianças os motivos pelos quais um animal se torna predador, e para isso, devem compreender o que é instinto, pois geralmente o animal se torna predador por necessidade de alimento, parceiro reprodutivo, entre outros fatores.

Quando o porco foi considerado mau, a categoria *características físicas que o tornam mau* prevaleceu com respostas do tipo: “Porque pode machucar as pessoas; Porque mata os cachorros; Porque enche de espinhos”. Aqui novamente houve respostas relacionadas a outras espécies de porco, como o porco espinho.

Os resultados revelam e confirmam ainda mais o conhecimento dos participantes pelos Três Porquinhos, pois todos os participantes, 100% afirmaram que os Três Porquinhos são bons. A maioria justificou citando *características que o tornam bom*: “São diferente do porco carnívoro”; “Trabalham, constroem casas”; “Se protegem/não fazem mal”; “Constroem casas para se defender do lobo mau”; “Gostam de fazer coisas boas”; “São pequenos, fazem casas para morar e são educados”; Todas essas respostas estão relacionadas ao conto, ou seja, no conto eles aprenderam que os três porquinhos são bons, trabalhadores e não fazem maldade, inclusive alguns reconhecem que esses porquinhos só existem nos desenhos e histórias: “Nos desenhos são bons”; “Nas histórias são bons”.

Esses resultados nos demonstram o quanto uma simples história pode inferir valores e significados as crianças. De acordo com Piaget e Barbel (2003), as crianças adquirem valores observando o mundo ao seu redor, os exemplos que lhes são dados e nessa fase, as histórias (principalmente os contos) são possibilidades reais de desenvolvimento e aprendizagem.

Durante a roda de contação, os alunos foram questionados sobre o que o lobo come e apresentaram respostas do tipo: “milho, cenoura abacaxi e outras coisas; farelo, quirela e leite; Pasto, fruta, lavagem e ração; lavagem, repolho cenoura; casca de melancia, melão, legumes, alface estragada, ração, carne; mandioca, restos de comida, ração”. As respostas demonstram que os alunos percebem que os porcos possuem muitos vegetais em sua dieta, e isso acontece com o porco cateto, que é considerado onívoro, pois além de ingerir vegetais, também se alimenta de pequenos vertebrados.

A questões três identificou os possíveis habitats do lobo e do porco, considerando tanto os animais personagens com os animais reais. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o habitat do lobo-guará, lobo personagem, cateto e três porquinhos

| Habitat encontrado | Lobo-guará | Lobo personagem | Porco cateto | Três porquinhos |
|--------------------|------------|-----------------|--------------|-----------------|
| Na mata/floresta | 70,50 | 79,54 | 68,18 | 89,08 |
| Zoológico | 0 | 0 | 2,27 | 0 |
| Na cidade | 0 | 0 | 0 | 0 |
| No meio rural | 0 | 0 | 6,81 | 15,92 |
| Não sei | 0 | 0 | 4,54 | 0 |
| Outro | 29,50 | 20,46 | 18,20 | |

| | | | | |
|-------|-----|-----|-----|-----|
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 |
|-------|-----|-----|-----|-----|

Fonte: BREUNIG e GOLDSCHMIDT (2019).

Podemos perceber pelos resultados que o local mais citado foi a mata, independente de se tratar de animais reais ou fictícios. Importante ressaltar que nenhuma criança comentou sobre os personagens existirem apenas nos contos de fada ou não poderem ser reais na mata.

Como outros locais, foram citadas várias situações distintas, desde locais específicos (principalmente associados à abrigos – toca, caverna, casinha ou cabana), como tipos de vegetação e países ou locais.). Para o lobo-guará, chamou a atenção, o lugar seco sem vida (4,54%). Este último se destacou, pelo fato do lobo-guará habitar regiões por vezes secas, como o Cerrado por exemplo, o qual é considerado o segundo maior bioma brasileiro. De forma alguma o Cerrado está associado à falta de vida, muito pelo contrário, pois ele possui uma biodiversidade inquestionável que se dá através de variações ambientais fisionômicas, que permeiam desde formações florestais a campestres, com características marcantes. Não existe uma homogeneidade na sua paisagem, mas ainda assim possui características peculiares, sendo esse um dos motivos que nos leva a pensar em um bioma único (RODRIGUES, 2018).

É interessante ressaltar que os alunos reconhecem a mata como o principal hábitat dos lobos-guarás. Entendemos a importância das matas na vida dos lobos, assim como de todos os animais silvestres, pois a fragmentação das mesmas e o aumento da agroindústria consistem em duas das principais causas de sua extinção. Ainda, podemos citar aqui a caça ilegal, os atropelamentos em vias urbanas, desmatamento, etc.

Contudo, outros riscos também devem ser considerados. Um deles está relacionado às próprias ações de tentativa de evitar sua extinção, um paradoxo cruel. Pois, ao tentar confiná-los em reservas ou estações o animal acaba sendo forçado a mudar de hábitos e muitas vezes de alimentação. Isto muitas vezes pode levá-los ao estresse extremo, causando sua morte. Outro problema é o contato com animais domésticos, o que pode acarretar doenças. E, ainda, com o avanço das vias urbanas ocorrem os constantes atropelamentos, especialmente nas autoestradas (FARIA, 2012, p.25).

Destacamos que no Cerrado se encontra o lobo-guará, juntamente a uma vegetação peculiar na qual ele se adaptou bem. De acordo com Faria (2012, p.18):

As árvores possuem galhos tortuosos e de pequeno porte, com raízes profundas (busca de água em épocas de seca); as cascas destas árvores são duras e grossas; as folhas são cobertas de pelos; e ainda, há a presença de gramíneas e ciperáceas no estado das árvores.

Os resultados para a imagem do lobo personagem evidenciaram a categoria *mata/floresta* com um resultado um pouco superior, 79,54%. Na roda de contação essa categoria também foi a mais citada. Geralmente, quando apresentado em um conto, o lobo aparece perambulando pela floresta. A floresta deveria ser o hábitat de todos os lobos, contudo, o lobo personagem é fictício, e com isso, esse resultado nos demonstra que as crianças confundem o fictício com a realidade, pois a maioria afirmou que o personagem lobo mora na floresta.

Quando questionados aonde o porco cateto mora, a maioria 68,18% afirmou ser na mata/floresta. Por se tratar de um animal também selvagem, o hábitat do porco cateto consiste em matas; contudo, os catetos habitam uma grande diversidade de hábitats, entre eles florestas tropicais úmidas a regiões semiáridas, conseguindo sobreviver em áreas devastadas (SOWLS, 1997).

Ainda, foram citados zoológico, meio rural, toca, além de ilha, campo, savana, grama e

Índia. Pensando no ensino de ciências por meio da literatura infantil, o personagem porco pode ser trabalhado tanto em seu hábitat natural, quanto em cativeiro, demonstrando aos alunos a realidade das fazendas e dos criadores, demonstrando por exemplo, a importância da carne na indústria alimentícia, entre outros aspectos. Importante distinguir com as crianças a respeito dos criadouros e dos nativos, ressaltando inclusive os riscos às espécies, decorrentes tanto da caça quanto da diminuição das florestas.

Quando questionados aonde os Três Porquinhos moravam, obtivemos também a floresta como habitat. Vale ressaltar que para 31, 81% destas crianças, ainda associaram a mata, à casinha na floresta. Percebemos pelos resultados, não diferentes do lobo personagem, que existe uma confusão entre fictício e realidade. Sobre isso, Zambon (2009, p.65) destaca:

É importante ressaltar que, para entender a fantasia presente na literatura infantil, torna-se imprescindível considerar o fato de que uma criança é dotada de razão e emoção, com uma mente plena de desejos, dúvidas, medos, angústias e devaneios, e que ela é um sujeito que se constrói e está em constante transformação afetiva e emocional, circulando entre o mundo da leitura e a leitura do mundo.

Com isso, por uma fase, será normal a criança apresentar essa confusão, contudo, com o passar do tempo e com o acréscimo de novas informações e conhecimentos, a criança tende a perceber e diferenciar o mundo real do mundo de fantasias, isso, de fato, já aconteceu com nós mesmos, quando por exemplo, deixamos de acreditar que Papai Noel existe; e, que o saci-pererê, a bruxa Cuca e o Visconde de Sabugosa são somente personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Isso acontece com muitos outros personagens, que deixam de ser reais e passam a ser somente fictícios. No entanto, associações sobre animais e construções de estereótipos podem persistir no imaginário adulto.

Os contos de fadas podem parecer sem sentido, fantásticos, amedrontadores e totalmente inacreditáveis para o adulto que foi privado da fantasia do conto de fadas na sua própria infância, ou que reprimiu estas lembranças. Um adulto que não conseguiu uma integração satisfatória dos dois mundos, o da realidade e o da imaginação, se desnorteia com estes contos. Mas um adulto que na sua própria vida é capaz de integrar a ordem racional com a ilogicidade de seu inconsciente será suscetível a forma como o conto de fadas auxilia a criança nesta integração. Para a criança e para o adulto que, como Sócrates, sabe que ainda existe uma criança dentro do indivíduo mais sábio os contos de fadas exprimem verdades sobre humanidade e sobre a própria pessoa (BETTELHEIM, 2002, p.70).

Com isso, é de extrema importância que a criança vivencie essa fantasia e desfrute com intensidade da mesma, pois assim as dificuldades e sentimentos presentes na infância não serão reprimidos, e posteriormente, esse adulto saberá administrar com maior facilidade seus sentimentos e anseios.

Ao observarmos os resultados sobre o lobo animal e personagem, percebemos pelos resultados que as crianças se mostraram amedrontadas em entrar na floresta, com os dois. Isto mostra que o estereótipo do lobo "mau" é bastante forte nas concepções dos participantes. As justificativas apresentadas pelas crianças estiveram relacionadas ao fato de se tratar de um lobo malvado que gera medo. Os participantes justificaram com respostas: "*Tenho medo*"; "*Ele é bravo*"; "*Pode estranhar e me morder*"; "*É um predador*" ou ainda "*É carnívoro*". Acredita-

mos que este medo do lobo seja influenciado pelas vivências e pelo conhecimento que essas crianças já tiveram, seja por meio de um conto, filme etc. O medo do lobo, foi ressaltado entre as crianças, chegando a 39,09% de participantes que afirmaram ter medo.

Os sentimentos do medo são básicos e acompanham a existência humana desde o início do desenvolvimento psíquico até o fim da vida. Mas o medo é passível de alteração se bem administrado, para que não seja obstáculo à aprendizagem e desenvolvimento da pessoa. Sob o ponto de vista da conservação, ele sempre emerge em momentos de conflitos, mas com diferentes sentidos, e vai se transformando, revelando suas diferentes faces, em função dos momentos de vida de cada um. O exercício de retomada do medo em torno do conto, em busca dos diferentes sentidos dos medos infantis, contribuiu para que o medo tomasse outras formas, principalmente como ferramenta de autoconhecimento e desenvolvimento (RODRIGUES, FAGALI, 2017, p. 12).

O fato de ser *predador* apareceu novamente, mas desta vez como motivo para não entrar na floresta com o lobo. Vale destacar que é de extrema importância que as crianças dos anos iniciais compreendam o verdadeiro significado de predador, entendendo os motivos de sobrevivência que levam os animais, assim como a maioria dos seres humanos a praticar a predação. De acordo com Pereira, et al (2019, p.01): “De forma geral, as pessoas identificam o lobo-guará como um animal importante para o meio ambiente, todavia um predador de animais domésticos”. Isso, novamente nos demonstra que o conceito de predação não é compreendido pela maioria das pessoas, pois já comentado acima, os animais são predadores por necessidades de sobrevivência.

Sobre a dieta do lobo-guará, é importante desmistificar a concepção de serem predadores carnívoros, pois além de apresentar pequenos vertebrados na dieta, ele também ingere muitos frutos, e por isso, é considerado onívoro (ICMBIO, 2008).

No cerrado, um item importante de sua dieta a fruta da lobeira *Solanum lycocarpum*, conhecida como fruta do lobo, a qual ele contribui na propagação da espécie, por meio de suas fezes que eliminam a semente da lobeira (VELOSO, 2019).

Faria (2012) afirma que a relação do lobo-guará com a *lobeira* (a fruta do lobo) é de extrema importância porque o animal é principal dispersor das sementes desse fruto, garantindo inclusive a preservação deste vegetal.

Conforme a criança vai crescendo e desenvolvendo seu poder de argumentação, na medida que incorpora novas informações a sua estrutura cognitiva, com certeza, esse medo, principalmente quando relacionado a algo fictício, tende a diminuir de intensidade ou então, desaparecer por completo. Mas será que se trabalhado desde a infância esta valorização ao lobo, os resultados não poderiam ser mais significativos para a valorização destas espécies?

De acordo com os resultados encontrados para o lobo personagem, a maioria dos participantes afirmou não entrar na floresta com o mesmo. Entre as justificativas quando questionados porque não entrariam na floresta com o lobo, o fato do *lobo ser visto como malvado* foi a mais citada pelos participantes: “É grande e mau”; “É feio e mau”; “Tem cara de ser malvado, dentes afiados”; “É predador”.

Se recordarmos de dois grandes clássicos da literatura infantil como Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos, a floresta e o lobo se fazem presente, contudo, em ambas o lobo é malvado e a floresta consiste no cenário de suas maldades. Schneider, Torossian (2009, p.136) afirmam: “Os aspectos mais agressivos ainda se mostram presentes, personificados principalmente na figura do Lobo e da Bruxa, porém, ao final, impera a esperança, a confiança na vida e o indispensável final feliz”.

Pensando no personagem lobo que aparece nas histórias, entendemos que o lobo é um personagem clássico, bem comum em contos de fada, sendo comumente conhecido como

“lobo mau”. Sua identidade já está corrompida, seu nome já o caracteriza como mau, e é assim que ele é reconhecido.

Mais uma vez, esses resultados reforçam o fato, de que a criança faz confusão entre a fantasia e a realidade, afinal porque não entrar na mata com o lobo personagem, uma vez que ele é fictício?!

Interessante aqui relatar que, enquanto alguns autores exaltam a singeleza dos contos infantis, debruçam na importância que eles apresentam em desmistificar o medo, amparar a criança no seu crescimento, traduzir suas dúvidas, aliviar seu coração povoando-lhes a mente com heróis e heroínas que nunca morrem, outros tratam de questionar velhos conceitos que acabam por trazer uma falsa ideia de realidade e até mesmo evoluir para um estereótipo prejudicial à sua formação (ZAMBOM, 2010, p.09).

Isto demonstra a importância de desconstruir estereótipos, uma vez que estes podem persistir e se tornar cada vez mais “enraizados” na estrutura cognitiva da criança ou até mesmo de adultos.

Ainda citaram que o lobo é *carnívoro* e por isso não entrariam na floresta com ele. Como mencionado acima a dieta do lobo-guará não inclui somente carne, muito pelo contrário, as frutas estão entre um de seus alimentos preferidos. Contudo, a concepção mais forte e enraizada é que o lobo é somente carnívoro, e isso, por consequência o torna mau. Algumas respostas obtidas na roda de contação, quando questionados se o lobo da vida real é bom ou mau, evidenciam isso: “*o lobo é mau, porque come carne de vaca, boi e touro; mau, porque morde as pessoas e gosta de carne*”. Aqui, vale um questionamento a essas crianças, aonde, nós professores de ciências podemos intervir, no sentido de nos compreendermos também no meio, como animais; afinal nós seres humanos também “somos” carnívoros e isso não nos torna maus por si só?!

Considerações Finais

De acordo com a proposta apresentada evidenciamos que muitos estereótipos podem ser construídos por meio de um conto. Contudo, estes também podem atuar como relevantes ferramentas de ensino e aprendizagem no ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental, afim de desmistificar possíveis visões fragmentadas.

Como vimos nesse estudo, muitas crianças apresentam visões estereotipadas referentes ao personagem lobo e aos três porquinhos. Com isso, uma alternativa possível para desconstruir esses estereótipos de animais, é trazendo personagens da nossa fauna brasileira para os substituir, o personagem lobo por exemplo, pode ser substituído pelo lobo-guará e os três porquinhos pelo porco cateto.

Promover alfabetização científica por meio dos animais, é uma das alternativas possíveis, para que possíveis visões engessadas desses personagens possam ser trabalhadas e revistas, pois no momento em que a criança irá aprender toda a biologia, fisiologia e importância ecológica do lobo-guará e do porco cateto na natureza, a visão de lobo “mau” e vilão pode ser revista, uma vez, que nem todo lobo é mau, e o lobo-guará e o porco cateto nos demonstram isso, afinal são importantes dispersores de sementes na natureza, e com isso, garantem a propagação de diversas espécies vegetais.

Referências

ALTRICHTER M, BOAGLIO G. I. Distribution and relative abundance of peccaries in the Argentine

Chaco: associations with human factors. *Biological Conservation* 116: 217-225, 2004.

ANTOGLA, D. C. **A articulação entre a literatura infantil e o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2014, 151 p. Dissertação (Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Chapecó, SC, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 16ª Edição. [s.l]: Ed. Paz e terra, 2002. 335p.

COSTA, J. S. Uma visão crítica dos contos de fadas dos Grimm. **Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança.** Curitiba, vol. 2, n. 2, p.82-97, jul./dez. 2019.

CULLEN L, BODMER R. E, VALLADARES-PÁDUA C. Effects of hunting in habitat fragments of the Atlantic forest, Brazil. *Biological Conservation* 95: 49-56, 2000.

DESBIEZ, A. L. J, et al. Avaliação do risco de extinção do cateto Pecari tajacu Linnaeus, 1778, no Brasil. **Biodiversidade Brasileira.** Ano II, n. 3, p. 74-83, 2012.

FARIA, N.O. **Bioma cerrado e a extinção do lobo-guará.** 2012, 33 f. Monografia (licenciatura em Biologia) - Universidade de Brasília, Luziânia-Goiás, 2012.

FERNANDES, E.F; CENTURIÓN, D. A Literatura Infantil: Contos de Fadas na Formação Integral da Criança. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia.** V.13, N. 45, p. 392-414, 2019.

ICMBIO. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Sumário executivo do plano de ação nacional para a conservação do lobo-guará.**

IUCN (International Union for Conservation of Nature). 2003. **Guidelines for application of IUCN Red List criteria at regional levels. Version 3.0.** IUCN Species Survival Commission. Gland and Cambridge: IUCN. ii + 26 pp.

RODRIGUES, L, F.S. **A Inserção do bioma cerrado no conteúdo de botânica do ensino médio a partir das concepções prévias do aprendiz.** 2019, 129 p. Dissertação (Mestre em Educação em Ciências e Matemática)- Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2019.

KEUROGHLIAN A, EATON D. P., LONGLAND W. S. Area use by white-lipped and collared peccaries (*Tayassu pecari* and *Tayassu tajacu*) in a tropical forest fragment. *Biological Conservation* 120: 411-425, 2004.

MACHADO, G.V; FONSECA, C.C; NEVES, M.T. Topografia do cone medular no lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus* Illiger, 1815). **R. bras. Ci. Vet.**, v. 9, n. 2, p. 107-109, maio/ago. 2002.

MARQUES, J.C. **Modelos para dispersão de javalis (*Sus scrofa*).** 2019. 80 f. Tese (doutorado Matemática Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.

MAUÉS, M, S; IANELLA, P; **Inventário de Recursos Genéticos Animais da Embrapa.** Brasília, DF: Embrapa 2016.

MELGAÇO, I.C.P. **Ética animal no ensino de ciências e biologia: uma análise de livros didáticos da educação básica.** 2015, 132 f. Tese (Doutorado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.

MONDEK, S.A; ROCHA, Z.F; LIMA, J. P. Serões de Dona Benta Monteiro Lobato e o ensino de

ciências. **Rencima**. v. 10, n.1, p. 184-193, 2019.

MORAES, F.M. **Quem tem medo do lobo mau? As imagens do conto Chapeuzinho Vermelho e as suas versões contemporâneas adaptadas**. 2014, 117 p. Dissertação (Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2014.

MOREIRA, Marco Antônio. Pesquisa em ensino: aspectos metodológicos. **Actas del PIDEDEC**: textos de apoio do Programa Internacional de Doutorado em Ensino de Ciências da Universidade de Burgos. Porto Alegre, v. 5, p. 101-136. 2003.

NEVES, A.A.L. Lobo-mau: o malandro dos contos de fadas. **Vernaculum: Flor do Laço**. v. 2, n. 1, 2016.

OLIVEIRA, H.T; FIGUEIREDO, A.N; TULLIO, A. **Educação ambiental para a conservação da biodiversidade: animais de topo de cadeia** [livro eletrônico] - São Carlos, SP: Diagrama Editorial, 2016.

PAULA, R.C, et al. Avaliação do estado de conservação do Lobo-guará *Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**. 3(1), p. 146-159, 2013.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: E.P.U., 2002.

PEREIRA, S.G. et al. Lobo-Guará (*Chrysocyon brachyurus*): características gerais, mitológicas e seu conhecimento popular na região noroeste de Minas Gerais. **Revista acadêmica ciência animal**. V. 12, 2019.

PERES, C. A. Population status of white-lipped and collared peccaries in hunted and unhunted Amazonian forests. *Biological Conservation* 77: 115-123, 1996.

PIAGET, Jean e BARBEL, Inhelder. **A Psicologia da criança**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PRADA I.L.S. In: Tréz T (org). **Instrumento Animal: O uso prejudicial de animais no ensino superior. Os animais são seres sencientes**. Bauru: Canal 6, p. 15-41, 2008.

RICKLEFS, R.E. **A Economia da Natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

RODRIGUES, M.L; FAGALI, E.Q. "Era uma vez... um medo que não queria ir embora: o uso do conto na intervenção psicopedagógica infantil". **Revista Construção Psicopedagógica**. 25 (26): 57-69, 2017.

ROBINSON J. G., EISENBERG J. F. Group size and foraging habits of the collared peccary (*Tayassu tajacu*). *Journal of Mammalogy* 66: 153-155, 1985.

SCALFI, G; BARATA, G. Fauna brasileira no cotidiano da educação infantil: uma abordagem necessária. **Revista Ciências & Ideias**. V.10, n.3, 2019.

SCHNEIDER, R. E.F; TOROSSIAN, S, D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009.

SIMÕES, A. O PORCO: Animal Sócio Cultural Total. **Revista de Humanidades**. V. 04. N. 09, 2004.

SOARES, L. **Quem tem medo do lobo mau? Um estudo sobre a produção imaginária da criança e sua relação com a aprendizagem**. 2007, 130 p. Dissertação (Mestre em Educação) - Uni-

versidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2007.

SOWLS, L.K. **Javelinas and other peccaries: their biology, management, and use.** Texas A e M University Press. College Station. 2 ed, 1997, 325 p.

VELOSO, A.C. **Dieta e dispersão de sementes de lobeira pelo lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) em área de Cerrado, com reflorestamento de eucalipto como matriz de entorno - Minas Gerais.** 2019. 77 p. Dissertação. (Mestrado, área de concentração em Meio Ambiente e Qualidade Ambiental) -Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2019.

ZAMBON, S.A. Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heroínas das histórias infantis. Monografia (especialização em Educação Infantil e a Escola de Nove Pesquisas e Gestão do Cotidiano Escolar) -Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

TABER A. B. et al. Family Tayassuidae (Peccaries). Pp 292-307 in Handbook of the Mammals of the World, Volume 2: Hoofed Mammals. Lynx Edicions, Barcelona, 2011.

Recebido em 18 de agosto de 2020.

Aceito em 23 de agosto de 2021.